



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação – FACES

PRISCILLA BEZERRA DE AZEVEDO

LITERATURA MARGINAL, UMA QUESTÃO À LA COIMBRÃ

BRASÍLIA

Dezembro/2012

PRISCILLA BEZERRA DE AZEVEDO

LITERATURA MARGINAL, UMA QUESTÃO À LA COIMBRÃ

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.
Orientador: Prof. Dr. Amauri Rodrigues

BRASÍLIA

Dezembro/2012

PRISCILLA BEZERRA DE AZEVEDO

LITERATURA MARGINAL, UMA QUESTÃO À LA COIMBRÃ

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.
Orientador: Prof. Dr. Amauri Rodrigues

Brasília, 22 de fevereiro de 2013.

Banca Examinadora

Prof. Orientador

Prof. Examinador

Prof. Examinador

Este trabalho é dedicado a Deus e a todos aqueles que depositam sua fé Nele para que no meio das adversidades o sonho se transforme em realidade.

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho a Deus, pela força dada e por ter colocado as pessoas certas em meu caminho para a conclusão deste trabalho.

Agradeço ao Prof. Dr. Amauri Rodrigues, pela seriedade, presteza e dedicação nas leituras, releituras, críticas essenciais para a pesquisa e nos ensinamentos para a vida. Agradeço pelas aulas que me proporcionaram o orgulho de ser apaixonada pela literatura.

À Prof^ª. Dr^ª. Ana Luiza Montalvão Maia pelas aulas de literatura, conselhos, pelas orientações enriquecedoras e o empenho em não medir esforços ajudando-me na conclusão deste trabalho, obrigada.

À coordenação do curso de Letras por ter contribuído para a minha formação e por momentos felizes durante o curso.

A todos os professores do curso de Letras que através de suas aulas contribuíram para o meu enriquecimento como intelectual e formação como professora.

Aos meus amigos de sala, Luciana R., Mack O., Lorraine M., Danielle A. e Ludmyla A., pelo companheirismo e discussões através dos trabalhos realizados em sala, obrigada pela companhia.

Ao meu amigo Vittor A., por ter me ajudado na revisão tão necessária.

À minha irmã Andressa pela paciência nos momentos em que precisei do computador.

Agradeço à minha família, em especial meus pais Robson e Beatriz, pelo incentivo e carinho tão necessários.

Fica, já disse. Para contar aos outros o que aconteceu com nosso mundo. Não quero que seja esse, de fora, a falar desta nossa história.

(Personagem Sulpício em *O último Vôo do Flamingo*)

RESUMO

Esta monografia tem por objeto a literatura marginal como instrumento de representação da cultura da periferia, bem como a realidade vivida por essa comunidade. Este trabalho tem como objetivos discutir a posição e a influência do cânone no universo literário, e analisar e conhecer o capital cultural que a literatura marginal vem exercendo, pela escrita, no quesito de retratar o cidadão da periferia dando-lhe voz, retratando a realidade de dentro para fora ao contrário do cânone, que não retrata a realidade vivida pela comunidade da periferia, e, a partir dessa literatura, possibilitar aos alunos de um país como o Brasil, com pluralismo cultural, com costumes, valores tão díspares, poderem se tornar leitores e escritores proficientes.

Palavras-chave: Literatura Marginal; Cânone; Periferia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 ASPECTOS DO CÂNONE LITERÁRIO.....	10
2 ASPECTOS DA LITERATURA MARGINAL E ESTRATÉGIAS DE DESLOCAMENTOS SOCIAIS.....	17
3 LITERATURA MARGINAL: A ESCRITA COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO CULTURAL E SUA RELEVÂNCIA NO ENSINO DE LITERATURA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO.....	25
CONCLUSÃO.....	33
REFERÊNCIAS.....	35

INTRODUÇÃO

Tendo em vista a conquista progressiva de espaço por parte da literatura marginal nas mídias e no público acadêmico, este trabalho tem a Literatura Marginal – periférica – como objeto de estudo, bem como apresentar sua importância e utilização no espaço contemporâneo como meio de valorizar a criticidade e o desenvolvimento da cidadania, em especial na sala de aula. Este tipo de literatura tem como um dos principais intuitos revelar o espaço do marginal na sociedade, ainda não mencionado e nem explorado pelo cânone literário.

Sabe-se que a literatura marginal tem sido pouco prestigiada nas escolas brasileiras devido à grande influência que o cânone exerce no ensino de literatura – assim como a gramática normativa exerce forte influência sobre a língua.

Ainda há uma resistência em relação à abordagem da literatura marginal nas escolas brasileiras, resultado da preservação da estética literária canônica. Por isso, este trabalho objetiva demonstrar que a Literatura Marginal trata da realidade de dentro para fora – ao contrário do cânone, que trata da realidade de fora para dentro –, o que revela um vínculo estreito entre centro e periferia, com questões relacionadas à estratificação social.

Nesse aspecto, é apresentada inicialmente a literatura canônica, suas ideologias e sua posição na representação do cidadão marginal, bem como seus interesses, sociais, políticos e ideológicos que levam a uma visão de fora para dentro, sendo este um veículo de comunicação que representa ideias dominantes.

Nesse prosseguimento, serão abordadas estratégias de deslocamentos sociais da literatura marginal e sua posição no universo acadêmico, na luta contra a hegemonia cultural. Para essa abordagem, será usado como metodologia o caráter qualitativo por meio da pesquisa bibliográfica de autores que tratam do cânone e da literatura marginal nas suas representações e papéis sociais.

Em meio a esse universo de supervalorização do espaço canônico, os escritores marginais entram em cena para se oporem ao sistema literário vigente. A Literatura Marginal pode ser comparada com a *Questão Coimbrã* do séc. XIX, em que jovens escritores se juntaram para se posicionarem contra a produção literária da época – consagrada por grandes escritores –, mediante a produção literária que tratasse da realidade circundante. Por isso a literatura marginal é uma questão *à la Coimbrã*, que será desenvolvida neste trabalho, porque ela rompe com valores estéticos do cânone apresentando um olhar de fora para dentro – o olhar do marginal, contudo

trabalhar essa vertente literária em sala de aula é respeitar as diferenças sociais e o capital cultural do aluno que muitas vezes não se sente incluído no universo literário de leituras denominadas de “prestígio social” por não apresentarem sua realidade vivenciada.

O presente estudo apresenta como pergunta orientadora da pesquisa: **Como os textos considerados marginais podem contribuir para o ensino de literatura no ensino médio?** Sabe-se que os textos considerados marginais podem contribuir para o contato do aluno com outras culturas, neste caso, a literatura marginal. Apresentar apenas as leituras de textos considerados de “prestígio social” seria anular a existência de outros grupos sociais capazes de fazer arte, como os escritores marginais vem fazendo através da literatura. Sendo assim, o professor que possibilita ao aluno contato direto com essa vertente, estará dando-lhe habilidades necessárias para compartilhar seu capital cultural e ampliá-lo para que seja um leitor proficiente. Sendo assim, ao adquirir a literatura marginal como proposta de ensino de literatura, o professor estará propondo um ensino contrário a nomenclatura baseada nos moldes tradicionais do cânone. Portanto o termo “Questão à La Coimbra”, utilizado como corpus desta monografia, refere-se à oposição de um determinado grupo social contra o sistema hegemônico que privilegia a leitura do cânone.

1 ASPECTOS DO CÂNONE LITERÁRIO

Um texto literário pode ser examinado de múltiplas formas. Esse exame pode ser feito ao nível da organização interna, ou seja, levando em conta aspectos voltados para o imanentismo da obra, como, por exemplo, o que diz respeito ao estilo. Mas pode também atender a reclamos afeitos a elementos que repercutem exterioridades que cercam a obra.

Quando se pensa em dispensar pelo texto um exame da sua posição dentro de uma estrutura mais ampla e contundente, em que é representante – de uma ideologia, um movimento literário, uma classe social, uma região do país –, seu papel e suas ações passam a ter implicações mais profundas e mais abrangentes, porque o exame transcende os limites físicos do texto. É o que ocorre quando o texto é enquadrado nos parâmetros de canônico, motivo de este capítulo ter como foco uma abordagem sobre a classificação de textos pelo termo “canônico”.

Grande parte dos textos literários e de autores conhecidos pelo amplo público leitor pertence ao chamado cânone literário, termo utilizado para selecionar obras literárias dentro de parâmetros específicos. Uma obra é considerada canônica a partir do momento em que atende a interesses social, político, ideológico e, sobretudo, acadêmico, do sistema hegemônico.

A Academia Brasileira de Letras (ABL), responsável pelo cultivo da literatura brasileira e pela preservação da cultura literária nacional, tem um papel importante na preservação do cânone, uma vez que é representada pela comunidade acadêmica. Essa comunidade é basicamente formada por um grupo de intelectuais que passa a representar a sociedade segundo as transformações sociais de uma dada época, através de manifestações que se desdobram por uma linguagem formal e subjetiva.

Pelo fato de esses intelectuais dispensarem à realidade circundante um olhar de fora para dentro, a literatura canônica acaba por propagar textos à base de uma linguagem veiculada ao sistema hegemônico e, por isso, menos acessível a uma grande maioria, ocasionando, assim, uma cisão no público leitor.

Essa cisão, por sua vez, caracteriza-se socialmente pela repercussão de uma dicotomia entre dominantes e dominados, resultando, nesta oportunidade, em outra relação dicotômica entre leitores capazes e incapazes de ter acesso a leituras de mundo propostas por textos canônicos, porque há disparidades no capital cultural dos leitores.

Portanto, tem-se uma leitura centrada no espaço canônico. Este “centramento” está ligado,

muitas vezes, ao sistema conservador da leitura das obras canônicas como uma forma de prestigiar e preservar a linguagem do cânone por séculos. E traz consequências para a sociedade. Um exemplo que pode ser abordado é o fato de a escola seguir o sistema de conteúdo dos vestibulares, que exige dos alunos de ensino médio a leitura do cânone. Acredita-se que uma das formas de se falar corretamente ou aprender a língua portuguesa seria por meio da leitura dos textos canônicos.

Esse tipo de leitura, pelo menos para boa parte dos alunos, acaba não sendo prazerosa devido à dificuldade na compreensão da linguagem presente nas obras, pois preferem ler textos considerados não literários, ao texto literário, em favor de uma linguagem mais acessível, mais próxima de suas realidades.

O prestígio e o reconhecimento de pessoas que leem textos canônicos são bastante significativos desde os tempos remotos, sempre em consequência do cultismo presente nesse conjunto de obras, pois o “centramento” do cânone está ligado a condições políticas, econômicas, raciais, geográficas e outras, de uma sociedade. As duas primeiras determinam o lugar de prestígio dessas obras. No caso do Brasil, cidades como Rio de Janeiro e São Paulo pertencem ao panorama das maiores cidades brasileiras em questões econômicas e geográficas. Isso devido ao grande potencial econômico e político advindo dos tempos da colonização portuguesa sobre o Brasil. Principalmente porque os grandes nomes da literatura, que estudavam fora do país, trouxeram o estilo literário da Europa, ou seja, seguiam padrões estéticos vindos do movimento europeu para produzir a literatura brasileira. Isso implicaria uma série de fatores, e um deles seria o lugar em que esses escritores viviam (o que vai refletir na literatura).

Dai se origina o prestígio dessas cidades, onde vive uma das classes mais ricas do país e, conseqüentemente, os maiores escritores brasileiros. A questão econômica está presente na burocracia existente em grandes editoras nacionais, pois nem todos têm o privilégio de publicar, mas apenas os mais bem vistos e selecionados pelo público acadêmico, fazendo com que essas cidades tenham, até hoje, o maior prestígio social na literatura brasileira. Esse fator contribui expressivamente para o “centramento” do cânone.

A classe dominante é a grande precursora das transformações sociais, devido ao seu grande poder desde o período da colonização portuguesa em 1500. A Europa já vivia o seu apogeu canônico, e o Brasil não poderia deixar de aderir à oportunidade de concorrer ao mesmo *status*. É precisamente na Semana da Arte Moderna de 1922 que foi criada uma arte

essencialmente brasileira. Ainda que com valores estéticos europeus, já eram expressivos os valores estéticos e a ideologia brasileiros. Essas transformações sociais são refletidas na literatura, que abrange valores sociais, levando o leitor à reflexão. É através de acontecimentos políticos e ideológicos que a literatura entra em ação. Faz-se necessário neste ponto considerar a questão do negro – sujeito visto de fora, não possuidor de voz na literatura. O negro dentro do cânone é representado pelo olhar do outro (de fora da marginalidade), não possuidor de fala, com um valor meramente subalterno.

Afirma o antropólogo Harold Bloom que a grande literatura é baseada na leitura que abre espaço para o “eu”, pois consiste na arte de reescrever ou revisar. A linguagem literária é marcada pela estética capaz de desmaterializar o homem. Ler uma obra literária é estar disposto a ir ao encontro do mundo imaginário, ao nível das ideias. É importante dizer que “Literatura não é simplesmente linguagem; é também vontade de figuração, o motivo para metáfora que Nietzsche certa vez definiu como o desejo de ser diferente, o desejo de estar em outro lugar” (BLOOM, 1994, p. 20).

O desejo de estar em outro lugar é uma sensação que a literatura traz ao homem. É uma experiência para além da nossa realidade, a qual, muitas vezes não compreendida pelo leitor, causa a sensação de estranhamento, a repulsa obtida da impossibilidade de assimilar a linguagem literária. É justamente por isso que nem todos os leitores são verdadeiramente leitores do cânone – o que traz a divisão de classes, o prestígio aos que leem essas obras e o próprio *status* canônico.

Ainda citando Bloom (1994, p. 14) sobre a estranheza, que é um dos sinais de originalidade de uma obra literária: “Um dos sinais de originalidade que pode conquistar *status* canônico para uma obra literária é aquela estranheza que jamais assimilamos inteiramente, ou que se torna um tal fato que nos deixa cegos para suas idiossincrasias”.

O cânone pode ser tratado como uma tradição religiosa, uma vez que consiste em um termo dessa origem, e tornou-se uma escolha de textos que lutam pela sobrevivência, representados por grupos sociais dominantes e por instituições de educação que determinam os autores que merecem ser imortalizados (BLOOM, 1994). Como foi dito anteriormente, tem-se aí algo que dá consistência: uma supervalorização e padronização literária na escolha de um grupo elitizado, marcado por uma linguagem “cultura” e uma escrita destinada a um público prestigiado de uma sociedade politicamente dominadora e ideológica.

Quando o público se depara com uma obra canônica, é encontrada mais uma surpresa

enigmática do que uma expectativa, capaz de dar ao leitor sensibilidade em se sentir estranho em casa. Estar em contato com uma obra literária é estar disposto a ter sensações de estranhamento, revelando, assim, a incapacidade de assimilar suas idiossincrasias, ou, ao mesmo tempo, a possibilidade de se prender, a ponto de deixar de vê-la como estranha (BLOOM, 1994).

A fim de que haja a permanência hereditária dos cânones, é necessário que exista uma tradição da linguagem literária de escritores consagrados. Para que um escritor seja original, ele deve ser influenciado pela gama de escritores canônicos. Essa é a essência da originalidade, segundo Bloom (1994), que produz, assim, uma ideologia de que a linguagem metafórica deve ser preservada.

A ideologia está presente na literatura, pois ela permeia questões sociais e políticas e as relações de poder na sociedade. Por isso, este trabalho vai valorizar a visão de alguns autores que estimam a visão ideológica de um grupo social.

Primeiramente veremos o que Bloom (1994, p. 29) afirma a respeito das questões ideológicas do cânone:

As defesas ideológicas do Cânone são tão perniciosas em relação aos valores estéticos quanto às agressões dos atacantes que buscam destruí-lo, ou “abri-lo”, como eles proclamam. Nada é tão essencial para o Cânone Ocidental quanto seus princípios de seletividade, que só são elitistas à medida que se fundem em critérios severamente artísticos. Os que se opõem ao Cânone insistem em que sempre há uma ideologia envolvida na formação de um cânone; na verdade, vão ainda mais longe e falam de uma ideologia de formação do cânone, sugerindo que estabelecer (ou perpetuar) um cânone é um ato ideológico em si.

Os críticos do cânone pertencem à contemporaneidade, os quais rompem com os princípios estéticos de “centramento” do sujeito no discursivo narrativo dessa literatura de elite.

Bloom (1994) afirma que este movimento não pode ser ideológico e não pode haver interesse político e social, ou seja, uma obra canônica é livre de qualquer grupo social. “O movimento de dentro da tradição não pode ser ideológico nem colocar-se a serviço de quaisquer objetivos sociais, por mais moralmente admiráveis que sejam” (BLOOM, 1994, p. 36).

O cânone é ideológico a partir do momento em que seleciona obras. Esse processo de seleção, a competição das obras pela sobrevivência e o interesse social de alcance da massa já são atos ideológicos em si, colocando em cheque a definição que Bloom (1994, p. 23) confere ao cânone:

Originalmente, o Cânone significava a escolha de livros em nossas instituições de

ensino, e apesar da recente política de multiculturalismo, a verdadeira questão do Cânone continua sendo: Quem tentará ler o indivíduo que deseja ler, tão tarde na história?

Em tese, o cânone possui valor ideológico assim como qualquer grupo social que queira perpassar valores e ideais a serem seguidos. E, através de sua ideologia representada pela classe acadêmica, propaga a ideia de que é preciso prender-se às suas questões estéticas propostas o escritor que quiser pertencer a ele, sobretudo com relação ao nível de linguagem do qual lança mão. A liberdade de escrever do autor é limitada pelas regras de formação discursiva do cânone. A filósofa Marilena Chauí discute o papel ideológico e a posição dos escritores canônicos na representação social fazendo a seguinte afirmação:

Os ideólogos são aqueles membros da classe dominante ou da classe média (aliada natural da classe dominante) que, em decorrência da divisão social do trabalho em trabalho material e espiritual, constituem a camada dos pensadores ou dos intelectuais. Estão encarregados, por meio da sistematização de ideias, de transformar as ilusões da classe dominante (isto é, a visão que a classe dominante tem de si mesma e da sociedade) em representações coletivas ou universais. Assim, a classe dominante (e sua aliada, a classe média) divide-se em pensadores e não pensadores, ou em produtores ativos de ideias e consumidores passivos de ideias. (2003, p. 86)

Os próprios escritores intelectuais servem à classe dominante direta ou indiretamente, pois aderem às ideias hegemônicas ao retratar temas relacionados à comunidade economicamente menos favorecida, à minoria considerada exclusão, ratificam suas atitudes por meio da classe dominante. Os intelectuais, portanto, estão, mesmo sem intenção, atuando em função dessa classe, servindo a ela.

A consequência é uma visão omissa do homem em sociedade. Dessa maneira, tem-se uma ideologia canônica construída a partir da preservação estética através da linguagem, e estruturada por intelectuais que aderem aos padrões elitizados, ao utilizar a própria voz para transformar as ideias da classe dominante em ideais comuns a todos, provocando, assim, a visão do homem universal a partir de um único olhar: o olhar hegemônico.

O cânone, por sua vez, não tem a preocupação de denunciar aspectos dicotômicos sociais entre dominados e dominantes, mas apresenta a realidade social por meio de acontecimentos que são comuns à humanidade. Nessa perspectiva, seu objetivo não é o de exprimir o interesse real da classe dominante de dominação, mas sim o de converter esse interesse em ideias comuns a todos, exprimindo valores humanos universais. Chauí (2003, p. 85) discorre mais sobre essa transformação das ideologias:

Embora a sociedade esteja dividida em classes e cada qual devesse ter suas próprias ideias, a dominação de uma classe sobre as outras faz com que só sejam consideradas válidas, verdadeiras e racionais as ideias da classe dominante; para que isso ocorra, é preciso que os membros da sociedade não se percebam divididos em classes, mas se vejam como tendo certas características humanas comuns a todos e que tomam as diferenças sociais como algo derivado ou de menor importância; para que todos os membros da sociedade se identifiquem com essas características supostamente comuns a todos, é preciso que elas sejam convertidas em ideias comuns a todos. Para que isso ocorra, é preciso que a classe dominante, além de produzir suas próprias ideias, também possa distribuí-las, o que é feito, por exemplo, através da educação, da religião, dos costumes, dos meios de comunicação disponíveis (...)

É importante afirmar que o cânone é um veículo de comunicação que representa ideias dominantes, portanto, tem um valor ideológico em si. É uma das formas de distribuição dessas ideias é mediante a preservação da cultura letrada (elite cultural) da comunidade acadêmica, e a luta por uma hegemonia baseando-se no molde da cultura ocidental como sendo legítima para todos os setores da sociedade.

O cânone existe devido a sua resistência ao tempo. Para que seus valores sejam preservados, é necessário que haja um sistema que faça com que essas obras permaneçam centralizadas e vistas como modelo literário. Porém, existem aqueles que querem destruí-las por meio de uma escrita marginal, os quais, através de uma nova estética, procuram desconstruir a ideologia canônica.

Outro aspecto relevante advém da causa de centralização do poder dominante: é o cânone como centro. Em contrapartida, o dominado vive à margem da sociedade e cumpre o seu papel na desconstrução do cânone quando diz:

Os cânones, que negam a distinção entre conhecimento e opinião, que são instrumentos de sobrevivência feitos para resistir ao tempo, não à razão, são evidentemente destrutíveis; se as pessoas acham que não deve haver tais coisas, podem muito bem encontrar os meios para destruí-las. A defesa delas não pode ser mais empreendida por um poder institucional central; não podem mais ser compulsórias, embora seja difícil ver como a operação normal de instituições cultas, incluindo o recrutamento, pode passar sem ela. (KERMODE, 1985 apud BLOOM, 1994, p.13)

As transformações da sociedade e a diversidade cultural existem em diversos segmentos sociais e contribuem para o surgimento de novas estéticas no espaço literário. A partir do momento em que a literatura deixa de se preocupar com a ideologia do cânone, ela a contrária, a ponto de trazer uma estética capaz de sensibilizar o homem mediante outro olhar. Esse olhar, por sua vez, age contrariamente ao tradicionalismo do fazer literário, pois não tem mais sua origem no dominante, mas é proveniente de um pensamento que se contrapõe aos valores estéticos e

ideológicos do cânone, rompendo com padrões artísticos e formais baseados na tradição. Sob esse aspecto, a história da literatura contemporânea se alterna entre centro e margem, isto é, entre literatura canônica e literatura marginal, respectivamente.

A literatura marginal, tanto quanto a canônica, tem um vínculo muito estreito com questões relacionadas à estratificação social, as quais, no capítulo que segue, serão abordadas de forma específica quanto a esse tipo de literatura.

2 ASPECTOS DA LITERATURA MARGINAL E ESTRATÉGIAS DE DESLOCAMENTOS SOCIAIS

A literatura marginal tem por finalidade opor-se ao cânone, romper com os paradigmas estéticos vigentes. Para se discutir literatura marginal, deve-se, primeiramente, compreender a definição etimológica do termo “marginal”. De acordo com o dicionário *Houaiss*, origina-se do latim *marginalis* que, dentre outros significados, é “aquele que não aceita os valores predominantes da sociedade ou da maioria”¹. A partir desse significado, torna-se compreensível a razão de esse termo estar tão ligado à população menos favorecida, justamente por ela estar à margem dos valores estéticos tradicionais. Contudo, quando se menciona “marginal”, fazendo uma associação ao seu significante, a primeira imagem que se mostra é a de um cidadão delinquente ou de um bandido, por uma associação de seu significado com o contexto social de pessoas que residem em favelas e outros lugares suburbanos, pessoas que estão à margem da sociedade, com relação aos padrões dominantes. Associado à literatura, o termo “marginal” pode ser atribuído à posição dos autores no mercado editorial, do qual são muitas vezes excluídos devido às idiosincrasias caracterizadoras das suas produções literárias: linguagem coloquial, a escolha das personagens, cenários e situações próprias do cotidiano deste grupo.

Em segundo lugar, deve-se levar em conta a aplicação específica do termo ao movimento literário brasileiro na década de 70, do séc. XX, e o contexto histórico-social da época. O Brasil passava por diversas transformações econômicas, sociais, tecnológicas, refletidas na literatura contemporânea, nesse caso, na literatura marginal. Na década de 70, período do apogeu da ditadura militar, os escritores marginais² escreviam poemas ou contos ricos em gírias e palavrões como forma de subversão àquilo que era imposto pelo governo. Essa literatura basicamente tinha temas como sexo, drogas e política. Boa parte dessas obras foi censurada por apresentar uma ameaça ao governo. A censura foi uma das medidas tomadas como forma de “preservação da cultura” brasileira.

Diferentemente da poesia marginal produzida na década de 70, a literatura marginal dos anos 90, objeto desta monografia, é escrita por autores da periferia, mas não difere nos quesitos

¹ HOU AISS, Antonio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, Versão 3.0 CD-rom, 2009.

² Literatura produzida por escritores que apresentavam uma linguagem espontânea. Os textos eram distribuídos em forma de “livrinhos” pelos próprios escritores, que não dispunham de patrocínio econômico.

de combate à alienação das mídias e à utilização da linguagem popular nas obras literárias.

Os escritores marginais escolheram o termo “marginal” para caracterizar um estilo literário capaz de mostrar o outro lado da sociedade, um lado não valorizado pelo escritor canônico, como afirma a estudiosa Rejane Oliveira (2012). O que antes era um olhar de fora para dentro (olhar da classe média sobre o subalterno³) agora, com a literatura marginal, tem-se um olhar originado de dentro para fora (o olhar do subalterno que fala por si mesmo).

O relato do dominante sobre o subalterno é resultado de um olhar representado de fora para dentro, porque consiste em um olhar observado à distância, de modo que aquele que domina ouve falar da cultura⁴ da periferia e da forma que vivem lá, sem demonstrar intimidade com aquela realidade. Esse comportamento do dominante reflete a ocupação de lugares físicos e ideológicos, propiciando a estratificação social.

Ao se tratar de lugares sociais, consideram-se os lugares físicos e ideológicos que possibilitam as pessoas, países, instituições e mesmo a literatura, a deixarem os lugares sociais em que se encontram e migrarem para lugares distintos daqueles de origem – mesmo em meio aos estratos sociais decorridos da supervalorização de uma ideologia historicamente instituída. Muitos são os chamados lugares sociais. Entretanto, para atender aos interesses deste trabalho, serão trabalhadas apenas as noções de centro, periferia, lugar e não-lugar, considerando suas implicações a partir do foco proposto.

Para tratar de lugares sociais, é necessário ter em mente que nossa sociedade é dividida em estratos sociais, grupos que, a depender da condição histórica, adquirem posição que emana padrões e pensamentos hegemonicamente instituídos, tais como certo e errado, bom ou ruim. Neste caso, o cânone tem essa ideologia e, portanto, tem seu lugar no centro – o que contribui para a existência de estratos sociais. O grupo social que foge desses padrões encontra-se em uma posição periférica em relação a esse lugar central. A existência de distintos grupos sociais em uma sociedade deve-se às condições ideológicas pelas quais são controladas.

Isso cria subdivisões nos lugares sociais. Assim como existe um modelo já preestabelecido pelo dominante, existe outro criado por grupos de pessoas que desafiam tal

³ Termo utilizado por Spivak (2012) para definir as camadas mais baixas da sociedade.

⁴ O termo “cultura” está sendo utilizado pelo viés antropológico, que relaciona seu significado a todo comportamento aprendido, ou seja, tudo aquilo que adquirimos do meio em que vivemos como hábitos, costumes, linguagens, vestimentas, religião, valores.

modelo estabelecido de dominação. Cria-se dessa forma a ocupação de lugares sociais e ideológicos, como observado anteriormente.

Esses lugares sociais são representados por centro e periferia, figuras da elite acadêmica e da população marginalizada, respectivamente. Assim, como existem as desigualdades sociais e outros agravantes, a literatura também faz parte do processo de estratificação, pois a literatura marginal não condiz com os valores canônicos, mas, pelo contrário, os desconstrói através de uma linguagem vulgarizada, condenada pelo cânone:

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. A hipótese aqui definida é a de que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram lugares antigos: estes, repertoriados, classificados e promovidos a “lugares de memória”, ocupam aí um lugar circunscrito e específico. (AUGÉ, 2007, p. 73)

O lugar e o não-lugar representam polos, dos quais, o primeiro jamais é totalmente apagado e o segundo nunca é completamente realizado (AUGÉ, 2007). Ao trazer essa definição para a literatura, chega-se à luta do cânone pela própria sobrevivência e pela preservação de sua ideologia, bem como à luta do marginal pela realização ideológica de deixar sua marca, sua identidade.

Este lugar é uma condição ideológica que implica a expressividade de quem ocupa um espaço físico (BAUMAN, 2003). Em relação ao cânone e à literatura marginal, aquele ocupa uma posição de lugar, como foi dito no capítulo anterior, uma vez que representa a elite cultural. Um lugar ideológico é originado de uma formação histórica e social. A crítica Sandra Jovchelovitch (2000, p. 27) deixa claro que “é necessário considerar os efeitos simbólicos deste tipo de situação.”

O cânone é um lugar logo, há um vínculo estreito entre centro e periferia com a questão da estratificação social, como dito anteriormente, sendo que, na literatura canônica, a periferia – considerada a classe menos prestigiada – determina um não-lugar, pois esta é vista pelo olhar da classe dominante, isto é, sem formação histórica e social.

O teórico Roberto Schwarz (1983) nos ajuda a compreender a posição de não-lugar do pobre na literatura, afirmando que durante todo o período colonial, os homens considerados livres e pobres eram, na maioria das vezes, denominados de *vadios*. Contudo, era vadio todo aquele que não se inseria nos padrões de trabalho pela intenção do lucro:

O vadio é aqui o indivíduo não inserido na estrutura da produção colonial, e que pode, de um momento para outro, ser aproveitado por ela; os instrumentos de trabalho são o meio da sua redenção: caso os utilize, deixará de ser vadio e passará a integrar o mundo bem constituído da produção; caso não opte pelo trabalho, deverá voltar para o mundo itinerante de que veio (...). (SCHWARZ, 1983, p. 10)

Nesse sentido, o cânone é o centro – lugar – com condição ideológica de disseminar uma cultura hegemônica, e o marginal é a periferia – o não-lugar –, um espaço totalmente desprovido de expressão, sem marca, sem voz, um espaço que é fechado em si mesmo. É importante deixar claro que a periferia é chamada de “não-lugar” quando comparada ao cânone:

Que lugar ocupam “os pobres” nesse painel elaboradamente esboçado pelo poeta? *Hay que distinguir*. O texto das *Cartas Chilenas* quase sempre chama de “pobres” aos pequenos proprietários, “bisonhos roceiros”, “lavradores de terra”, sitiantes isolados, de posses modestas; aqueles que não pesam nem inflem de maneira alguma nas decisões últimas da administração superior, por não disporem de acesso aos canais que encaminham empenhos, presentes, pressões, ao executivo e à magistratura. (SCHWARZ, 1983, p. 23)

Isso confirma a definição atribuída por Augé (2007) a estes dois polos. Ora, o pobre, como definido no trecho acima, ocupa um não-lugar – citado por Augé – pois não se define como lugar identitário. Outro aspecto é que o marginal, na literatura colonial do século XVIII, foi denominado como vadio:

Mais inermes que eles, contudo, são os “vadios”, brancos e mulatos sem ocupação certa, andejos e vagabundos, que preocupam governantes e prepostos. Estes são os verdadeiros desvalidos, ao lado de quilombolas e escravos amontados, pois o relacionamento deles com os demais segmentos sociais permanece sempre problemático. (SCHWARZ, 1983, p. 25)

A estratificação social existente no cânone e na literatura marginal é algo que perpassa desde a colonização europeia. O modelo cultural do europeu (representado pelo dominante) e sua preservação contribui para a centralização de uma cultura permeada por moldes europeus (AUGÉ, 1999). Com isso, tem-se uma literatura que se alterna entre centro e periferia. O centro predominado pelo cânone e a periferia representada pelos escritores marginais. Uma característica do eurocentrismo.

Para Jovchelovitch (2000), os brasileiros priorizam muito mais o espaço “lá fora” do que o espaço “de dentro”, sendo que Schwarz (1983, p. 20) afirma que “o português identifica-se, necessariamente, com o homem rico, fartura e bem estar antagônicos à pobreza,

localizada, quase sempre, no indivíduo nascido aqui”. O modelo europeu é um efeito das relações sociais, econômicas, padronizadas por um estereótipo na figura do marginal, distante dos valores elitizados, o que acentua a distinção entre os estratos. A desigualdade social entre centro e periferia é tão real que incita a sociedade a tomar uma atitude exclusiva a uma outra realidade brasileira: a periferia, até então não percebida pelo cânone – realidades estas que expõem a situação social do subalterno.

Esta outra realidade brasileira é revelada pela literatura marginal, o que coloca esta primeira em uma posição de não-lugar em relação ao cânone. O não-lugar é também um espaço ideológico desprovido de expressão simbólica de identidade (BAUMAN, 2003). Isto é claro se comparado à literatura tradicional, que representa o marginal como um personagem sem as marcas de sua cultura e de sua identidade.

A diferença entre lugares e não-lugares passa pelo estado de oposição de lugar e espaço, sendo que o espaço é um lugar praticado, isto é, são as pessoas que transformam o espaço em lugar (AUGÉ 2007). Neste aspecto, um não-lugar pode ser um lugar na medida em que o seu valor que antes não era simbólico passa a sê-lo, quando este recebe uma identidade própria:

A fala é precisamente o produto de um processo contínuo de diálogo, conflito e confrontação entre o novo e o velho, de ideias que se formam precisamente enquanto são faladas. Neste sentido, as representações sociais são móveis, versáteis e estão continuamente mudando. (JOVCHELOVITCH, 2000, p. 41)

As representações sociais a partir de grupos também sociais reconstróem aquilo que é real de forma autônoma, oferecendo a possibilidade do novo e trazendo à existência assuntos de sua realidade, o que possibilita seu valor simbólico, e tendo, nesse sentido, uma posição de não-lugar deslocando-se para alcançar um lugar. É por meio das representações sociais como a fala (processo de constante transformação) que os grupos insistem na mudança daquilo que está posto, provocando transformações que mostram a realidade com outro foco. A perspectiva que interessa a esta parte do trabalho é a do marginal, objeto de estudo da monografia.

O olhar do marginal representado na literatura faz parte das estratégias de deslocamentos sociais que a literatura marginal tem como arma contra os valores estéticos do cânone e torna-se um meio de evocar sua ascensão cultural. A situação do marginal quase sempre é tratada como um estigma na literatura canônica, em que o autor está preocupado em representar o outro como indivíduo sempre pauperizado.

Considerando o que o antropólogo Marc Augé diz: “Quando pertencemos a uma cultura consequentemente levamos a sua marca” (1999, p.7), pode-se afirmar que o escritor marginal pertence à periferia e não se aliena ao pré-determinismo do mercado editorial, pois não está preocupado com prazos estipulados por editoras para a publicação de livros, e não se limita ao espaço etnocêntrico do cânone. O escritor marginal quer preservar sua cultura e deixar sua marca.

Nesse sentido, a cultura é um conjunto de valores específicos, e a literatura marginal, por sua vez, possui valores específicos que representam a sua marca, sua identidade, isto é, falar em literatura marginal é falar da cultura do outro – ainda no ponto de vista do cânone –, que é a cultura da “segunda natureza” (AUGÉ, 1999). A segunda natureza é aquela que se difere da natureza dos bons hábitos – modelo europeu:

(...) a cultura dos outros se define espontaneamente como uma espécie de natureza; mas nesse caso trata-se de uma natureza um pouco particular, uma natureza todavia instituída, que se pode descrever, por exemplo, em termos jurídicos “consuetudinários” dos primeiros coloniais. (AUGÉ, 1999, p. 12)

A partir daí, tem-se uma noção de que a cultura dos outros é algo que foge dos padrões predeterminados do dominante⁵, relacionando-o ao exótico, ao diferente, àquele que transgride.

É sabido que o Brasil é o país da diversidade cultural. Seria impossível dizer que há uma cultura homogênea. Assim como existe a variedade na língua e nos costumes, também existe a variedade do fazer literário.

É na contemporaneidade que a literatura marginal assume o seu papel de mostrar a realidade das ruas da periferia, através do linguajar vulgar do marginal que vive ali. Pelo convívio diário com a violência, a vida do povo da periferia é apresentada na literatura de forma ficcional, mas com um encontro marcado com a realidade (FERRÉZ, 2005). Essa é uma estratégia pela qual o escritor tem de deslocar-se de um espaço, antes fechado em si mesmo, para um espaço de expressividade.

Agora, na literatura periférica, o marginal não é mais representado como um personagem rigorosamente pauperizado, mas possuidor de voz capaz de falar sobre o que pensa e de como vive, desconstruindo o sistema. Temos então na literatura marginal a apresentação fiel da periferia: o morador de rua, o assaltante, o trabalhador, o desempregado, enfim, todos são

⁵ Neste caso, é a cultura etnocêntrica dos primeiros colonos que chegaram ao Brasil, na qual se estabeleceu como padrão um sistema de língua, política e costumes.

possuidores de voz.

A criminalidade presente nas obras e a linguagem são uma forma que o escritor traz de se opor à preservação da retórica clássica mediante uma espécie de manifesto contra o modelo europeizado de que só os que merecem voz são aqueles que de alguma forma nutrem o sistema.

Essa diferença de comportamento é retratada na literatura marginal. Vê-se um cidadão pobre que desvincula um padrão cultural pré-determinado em que a voz outrora silenciada passa a revelar a visão da realidade em que vive. Uma realidade que impressiona é muitas vezes compreendida necessariamente como cruel, anormal, afirmando um caráter desviante da literatura tradicional. São esses aspectos que marcam a literatura marginal e sua importância para o povo da periferia:

As diferenças com efeito são evidentes e elas se expressam exemplarmente pela distribuição do normal e do anormal ou do proibido. Tal é exatamente o caráter principal dessa evidência primeira; em relação às normas que ela institui, toda cultura reconhece os desvios e estigmatiza os desviantes. (AUGÉ, 1999, p. 82)

É importante destacar que o escritor marginal tenta aproximar o leitor da realidade, assumindo um papel na representação da realidade da periferia até então estigmatizada pelo sistema literário. No aspecto recente da cultura brasileira e da produção literária, assume-se um papel de laço fiel com a comunidade periférica. A característica da literatura contemporânea marginal é de que o autor vive na periferia, trazendo visões de um olhar interno – do marginal – capaz de aproximar o leitor da realidade em que vive. A diferença crucial da literatura tida como centro é que maior parte dos escritores que povoaram suas obras com personagens marginais tinham o caráter de serem meros porta-vozes, justamente por não pertencerem a classe desses indivíduos, pois apenas falavam em seu lugar ou assumiam sua voz.

Ao se perceber os problemas de estratificação social, bem como a posição de centro e periferia, é compreendido que falar de literatura marginal é falar do próprio marginal e que, seja quem for, é um cidadão brasileiro que merece ser respeitado e compreendido. Apesar de ser diferente da cultura padronizada, não se deve estigmatizá-lo. Assim como qualquer cultura representa sua marca, o marginal possui marca e identidade, capaz de falar por si mesmo com valor autorrepresentativo. A periferia sempre existirá, por mais que os lugares simbólicos de prestígio, como o cânone, tentem sufocá-la; sempre terá sua expressividade e identidade na literatura marginal.

Sendo assim, esse tipo de literatura tem conquistado seu espaço não só na mídia, mas principalmente nas periferias brasileiras, nos centros acadêmicos, e tem sido um transformador social e cultural dos cidadãos periféricos. Essa literatura tem chegado às crianças, aos adultos dos morros, das favelas, dos presídios, por meio de escritores que têm feito a diferença com um tipo de literatura que chega perto da realidade vivida.

Por retratar questões cotidianas a respeito da realidade vivida na periferia, como violência, drogas e sexo de forma ficcional, que muito se aproxima da realidade, além da linguagem utilizada que vai contra a institucionalizada pelo sistema hegemônico, contribui para a resistência por parte das escolas brasileiras, ao utilizar textos que reflitam a realidade vivenciada pelo “pobre” e não a realidade que se quer que seja dominante.

Nesse aspecto a literatura marginal, como dito anteriormente, vem para opor-se a realidade vigente do sistema hegemônico que insiste em preservar a leitura do cânone, sobretudo nas escolas brasileiras. Sendo assim, no capítulo que segue serão abordadas questões referentes à literatura marginal como instrumento de inserção cultural através da escrita, utilizando-a como forma de dizer que a periferia também é capaz de fazer arte.

3 LITERATURA MARGINAL: A ESCRITA COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO CULTURAL E SUA RELEVÂNCIA NO ENSINO DE LITERATURA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Como se sabe, em Portugal, jovens e desconhecidos escritores de Coimbra, no século XIX, resolveram estimular a produção de uma literatura que tratasse da realidade circundante, sem adornos, sem subterfúgios, sem amenizar acontecimentos contundentes e recorrentes na sociedade. No entendimento daqueles escritores, o fazer literário vigente — elaborado por escritores românticos consagrados — mascarava as ações dos homens e produzia uma literatura morna, deixando à margem as tensões da realidade vivida. Inconformados com a leniência de escritores românticos diante da realidade, os jovens escritores partiram para o embate intelectual, ideológico e até pessoal, com os escritores românticos, dando origem a uma luta que se notabilizou como Questão Coimbrã segundo os críticos Saraiva e Lopes (1996).

Guardadas as devidas proporções, o surgimento da literatura marginal se assemelha às condições que deram origem à literatura realista em Portugal, considerando seus propósitos de olhar a aspectos sociais, de dentro para fora.

Assim como a Questão Coimbrã foi o primeiro sinal da renovação literária e ideológica em Portugal — o que não é importante aprofundar na presente pesquisa —, a literatura marginal se assemelha ao movimento justamente pelo seu movimento contrário aos valores estéticos vigentes, fazendo-se presente para representar uma cultura composta por minorias, mas que em seu todo é composta pela maioria (FERRÉZ, 2005). Existe aqui, através da literatura marginal, um olhar próprio da periferia.

Para adentrar no universo da literatura marginal, que utiliza a escrita como arma de inserção cultural, foi escolhida como base literária para este capítulo a obra *Literatura Marginal: Talentos da Escrita Periférica*, organizada por Ferréz, um dos mais notáveis escritores desta literatura. Contudo, o foco não é analisar a obra em si, porém, através dela, entender como esses escritores foram conquistando seu espaço por meio da escrita. A obra apresenta uma coletânea de textos de onze escritores diferentes, todos moradores da periferia dos grandes centros do Brasil, aptos, pois, a falarem de acontecimentos vividos pela periferia.

Antes de ser publicada em livro, essa coletânea foi publicada pela revista *Caros Amigos – Literatura Marginal* em três edições especiais. Ferréz assumiu um papel importante em reunir

esses talentosos escritores vindos da periferia, já que não tinham o prestígio de publicar em editoras, uma triste realidade vivida ainda hoje, a qual a literatura marginal vem tentando aos poucos desmascarar.

A publicação de textos desses novos talentos da periferia contribuiu para a divulgação dessa literatura e do seu conhecimento na mídia. E não só isso, a revista *Literatura Marginal* foi criada na tentativa de modificar esse cenário e fazer circular a voz que não tem voz (FERRÉZ 2005), ações que enaltecem a importância desse suporte.

Diante disso, um dos efeitos que impulsionam a circulação desta literatura não é primordialmente o de buscar reconhecimento e valorização da mídia, mas de proporcionar espaço ao artista da periferia, que quase sempre não obtém recursos financeiros para a publicação de seu texto e para levar ao mercado editorial esse tipo de arte.

Assim, a escrita tem um papel importante de inserção cultural. O cânone literário possui um capital cultural em relação à escrita, não só relacionado à estética literária, mas também possui influência no quesito da arte do bem escrever. Contudo, esse é um modelo cultural constituído pela sociedade:

A sociedade, com efeito, traça normas por vezes tirânicas para o amador de arte, e muito do que julgamos reação espontânea da nossa sensibilidade é, de fato, conformidade automática aos padrões. Embora esta verificação fira a nossa vaidade, o certo é que muito poucos dentre nós seriam capazes de manifestar um juízo livre de injunções diretas do meio em que vivemos. (CANDIDO, 2000, p. 36)

Compreende-se, a partir do crítico Antonio Candido, a questão da massificação cultural pelos moldes europeus. Trazendo a atenção para a literatura canônica, com seu olhar de fora para dentro, ocorre um “centramento” para preservação de uma cultura composta por elites, já que o público-leitor era composto pela burguesia. Aumentaram-se a credibilidade e valorização do cânone literário. Com isso, a elite cultural não obtinha interesse algum em dar voz a personagens marginais, já que o público leitor era destinado à classe dominante. Sendo assim, poucos escritores tendem ousar dar voz à periferia por diversos aspectos. Um deles, e não menos importante, é a falta de credibilidade no mercado editorial.

A supervalorização da escrita, concentrada na norma gramatical e na literatura tradicional, contribui cada vez mais para a ascensão da elite cultural e para se propalar a busca da arte de escrever bem, guiada pela escrita conservada e pelo cânone.

Em meio a esse universo literário hegemônico, tem-se um modelo historicamente

instituído, como foi visto, o canônico, seguido pelos tradicionais costumes da arte do saber bem escrever. Contudo, esse modelo tem sido aos poucos aterrorizado pela literatura vinda da periferia.

Assim como Candido (2000) faz reflexões sobre a influência da sociedade na produção literária, e assim como esta mesma produção interfere nos quesitos de aceitação cultural, considerando que são poucos os artistas dispostos a ir contra os padrões impostos do fazer literário, os escritores marginais entram em cena utilizando a escrita como arma contra a exclusão social:

Jogando contra a massificação que domina e aliena cada vez mais o assim chamados por eles de “excluídos sociais” e para nos certificar de que o povo da periferia/favela/gueto tenha sua colocação na história, e que não fique mais quinhentos anos jogados no limbo cultural de um país que tem nojo de sua própria cultura, a literatura marginal se faz presente para representar a cultura de um povo (...). (FERRÉZ, 2005, p. 11)

Lança-se mão da escrita como arma que os escritores marginais utilizam, para que, através da literatura, haja a inserção cultural do povo da periferia. E como a escrita tem o poder de certificar uma cultura na história, a literatura marginal surge para dizer à elite cultural, às academias, que existe um povo possuidor de características próprias, de talentos capazes de falar por si mesmos, e capaz de mostrar sua voz e, mesmo não tendo a escrita cultuada pelo cânone, que não deixa suas raízes culturais, utilizando sua linguagem própria a fim de que a sociedade saiba que a periferia não está mais calada, porém, que existe uma literatura capaz de dar voz à periferia:

A literatura, que por tanto tempo há perdurado no imaginário social como privilégio único de uma elite letrada, ganha espaço entre os “iletrados”, germinando nas vielas, nas ruas, nas “quebradas” e, inclusive, nas celas dos presídios, ganhando terreno na recente literatura carcerária. (BENEVUTO, 2006, p. 1)

A literatura marginal vem finalmente ganhando força cultural pela mídia, com a publicação de livros e participação de autores como Ferréz, que desmascaram o sistema que tenta oprimir este povo. A partir disso, a literatura marginal é concebida como uma questão *à la Coimbra*, pois é através dela que a periferia tem conquistado seu espaço cultural.

Apesar de a literatura marginal estar conquistando seu espaço cultural, ainda falta percorrer um longo caminho para sua aceitação no quesito do ensino de literatura nas escolas

brasileiras. Sabe-se que muitas vezes esse tipo de literatura não é bem visto pela escola e pelos professores, devido principalmente ao preconceito e também por não inclusão nos conteúdos curriculares. E por que trabalhar com “Literatura Marginal” em sala de aula?

O ensino que se preza é moldado por uma nomenclatura mecanizada, em que o aluno deve ler os livros propostos em sala de aula, saber o conteúdo dado pelo professor, como os estilos de época e movimentos literários, isto é, decodificar a literatura distanciando-se do contexto social vivido pelo aluno. Obrigando-o a ler textos com linguagem que o remete a ter um letramento necessário como condição para decodificar a linguagem presente em textos canônicos, é possível que cause o estranhamento do aluno ou a falta de prazer em ler textos canônicos.

Segundo Magda Soares (2004), o letramento literário é a capacidade de decodificação da escrita nos diversos contextos sociais. O aluno, quando capaz de dialogar com o texto e criticá-lo, está criando habilidades e competências que permitem o processo dialógico com a literatura. Deixar com que o aluno venha se expressar contribui também para que o mesmo venha por em prática o seu conhecimento de mundo e ampliá-lo.

Consta dos **Orientadores Curriculares Nacionais para o Ensino Médio** do ano de 2006 o ensino da literatura como uma das maneiras de formar cidadãos críticos em meio ao universo cultural em que o aluno está inserido. Um dos questionamentos em relação ao ensino de literatura nas escolas é: será que os alunos de ensino médio estão preparados para explorar esse universo literário?

Era natural, a princípio, que a literatura constasse do currículo, pois sempre gozou de *status* privilegiado na formação burguesa. Passar por grandes escritores como Camões, Euclides da Cunha e outros era sinônimo de conhecimento cultural, sinal distintivo de cultura e de posição social de prestígio (BRASIL, 2002). O culto ao estilo, à retórica e à arte do bem escrever era característica primordial para uma literatura de qualidade. Este modelo literário serviu para a padronização do saber escrever bem e para suporte de análises sintáticas e morfológicas, isto é, o domínio da literatura não era questionável (BRASIL, 2006).

O ensino de literatura permanece presente no currículo escolar, bem como no Ensino Médio, foco deste capítulo. A valorização da linguagem rebuscada da literatura traz até hoje um peso no currículo escolar, na acepção de literatura como um meio capaz de formar leitores críticos, que converte o aluno em um ser pensante através dessa estética literária tradicional, pois se acredita na literatura como a arte de escrever bem.

Os documentos oficiais (orientações curriculares) têm dado abertura para outras vertentes culturais (visando as discussões sobre o multiculturalismo). Muitas vezes o aluno de Ensino Médio não tem as habilidades e competências necessárias para decodificar a estética literária dos textos canônicos, acarretando no desprazer pela leitura e na busca por leituras de linguagem mais acessível a sua realidade linguística e social.

O ensino de Língua Portuguesa para os **Parâmetros Curriculares Nacionais** + têm como um dos quesitos fazer com que o aluno de Ensino Médio tenha as competências e habilidades necessárias para utilizar a língua nos vários contextos sociais que se insere, isto é, ser capaz de decodificar a língua nos diferentes textos escritos, principalmente os literários.

Os **PCN** possuem um papel importante, pois têm como principal preceito respeitar a diversidade cultural. Com isso, a escola juntamente com os professores tem um papel fundamental de mediação entre o aluno e a leitura:

O professor, enquanto mediador, precisa estar preparado para lidar com questões que, muitas vezes, o tiram de uma comodidade com relação ao que considera pertinente ou não enquanto leitura. Abrir mão daquilo que define como legítimo literariamente, ou seja, de seu lugar de detentor (ou legitimador) das leituras que “merecem ser lidas” em sala de aula é fundamental para que um processo dialógico ocorra. (SOARES, 2008, p. 142)

O professor deve sempre estar em processo de atualização, saber a respeito das diferentes leituras além daquelas propostas pelo currículo escolar e pelos livros didáticos; é estar preparado para diferenciar a aula no quesito dos moldes tradicionais de se aprender literatura. Apenas ler textos canônicos desconsiderando o diálogo não faz do aluno alguém crítico e que tenha o prazer estético, mas distancia-o.

Muitas vezes esse distanciamento recorre do estranhamento que o aluno tem ao ler uma obra canônica. O aluno quase sempre não possui capital cultural necessário para decodificar a linguagem literária, ocorrendo assim um distanciamento do aluno e a busca de literaturas mais acessíveis que estejam fora do contexto escolar. Contudo, não se deve sobrecarregar o aluno com regras gramaticais ou estilos de época, mas oferecê-lo possibilidades e ferramentas necessárias para ser crítico em meio ao universo cultural.

Dessa forma, uma proposta de ensino de literatura para abrir o diálogo com a leitura e permitir o prazer pela leitura é trabalhar com a literatura marginal. Segundo os **PCN** é importante que o professor traga para a sala de aula diversos textos literários, e não só os considerados

canônicos. A proposta consiste em levar textos literários não canônicos para a sala de aula, para que façam parte do repertório intelectual do aluno e estimulá-lo para o prazer da leitura literária:

Dada a dificuldade, mas também a necessidade de utilizarmos o termo, basta-nos afirmar que a fruição de um texto literário diz respeito à apropriação que dele faz o leitor, concomitante à participação do mesmo leitor na construção dos significados desse mesmo texto. Quanto mais profundamente o receptor se apropriar do texto e a ele se entregar, mais rica será a experiência estética, isto é, quanto mais letrado literariamente o leitor, mais crítico, autônomo e humanizado será. (BRASIL, 2006, p. 59).

A literatura marginal é importante porque rompe com o sistema metodológico de ensino baseado na nomenclatura de que o aluno deve ler apenas literaturas consideradas “de prestígio” para as atividades de avaliação. A proposta de se trabalhar a literatura marginal em sala de aula vai contra esses valores e aproxima o aluno de seu universo cultural e de seu contexto de realidade. O ensino literário passa de uma leitura impositiva para uma experiência coletiva, no fornecimento das ferramentas necessárias ao aluno para o prazer pela leitura, propiciando o letramento literário.

A leitura de textos considerados marginais possibilita ao aluno um contato direto com o autor, pois ao ler esta vertente literária o aluno debate e critica questões sociais como o preconceito, sociedade, cultura, dentre outros, e ainda se sente incluído dentro de seu universo cultural.

Ao contrário do bandeirante que avançou com as mãos sujas de sangue nosso território, e arrancou a fê verdadeira, doutrinando nossos antepassados índios, ao contrário dos senhores das casas-grandes que escravizaram nossos irmãos africanos e tentaram dominar e apagar toda a cultura de um povo massacrado mas não derrotado. Uma coisa é certa, queimaram nossos documentos, mentiram sobre nossa história, mataram nossos antepassados. Outra coisa também é certa: mentirão no futuro, esconderão e queimarão tudo que prove que um dia a classe menos beneficiada com o dinheiro fez arte. (FERRÉZ, 2005, p. 11)

Para comprovar o pensamento de Ferréz, é importante destacar um trecho da obra *Tentação de Alessandro Buzo*:

Sumiu o pacote contendo 2 mil reais que iria ser parte do vale dos funcionários naquele dia 20 de agosto. Ninguém o acusou diretamente e nem podiam provar nada, mas todos mudaram de atitude junto a Júnior, só podia ser o favelado que roubou o dinheiro e duas semanas depois do fato ele foi despedido. Saiu de consciência tranquila e revoltado, seria injustiçado mas nunca um cagueta, só ele viu quando a secretária Simone, que é de confiança do patrão, pegou o pacote e voltou do almoço sem ele. (...) O tempo foi passando e Júnior já não andava bem vestido como antes, já não convidava mais as gatinhas da escola para o cineminha como fazia, faltava grana e cada dia mais ele foi se viciando na rotina dos desempregados da favela, jogar bola e fumar maconha. Acorda às

dez, café, pão e rua. Na quadra da escola tem futebol ou basquete o dia todo, sempre com um baseado rolando na lateral. Depois de mais um ano, já com dezoito anos e a reservista na mão, ele passou a procurar emprego mas não clareava nada, ia toda segunda e terça, na quarta quando tinha grana, não é barato procurar um trampo. Com o tempo só ia agora de segunda, mas parecia incrível, não conseguia arrumar nada, o desemprego cada vez maior e ele no meio dessa bola-de-neve. Mas ele não podia nem queria continuar naquela situação, em casa já havia bastante cobrança, ele queria sair, namorar e comprar uma moto que era seu sonho de consumo, mas como, desse jeito que estava? Resolveu aceitar o convite do Mosca e partiu para seu único assalto, roubaram uma lotérica num dia de megasena acumulada, rendeu mil e trezentos para cada um. Deu trezentos em casa dizendo ter feito um bico, gastou duzentos sem miséria com os amigos e investiu os outros oitocentos no seu futuro, quinhentos em cocaína e trezentos em maconha, montou sua microempresa, um biqueira de drogas. (BUZO, 2005, p. 105)

A partir do citado é importante destacar que a obra apresenta características marcantes da literatura marginal. O linguajar próprio da periferia aproxima o leitor à obra e o leva a reflexão de como o cidadão periférico é condicionado a entrar no mundo do crime. A personagem Júnior representa o cidadão marginalizado, que, por ser morador da favela, sofre preconceito perante a sociedade que o julga devido a sua classe social pauperizada, sofrendo assim, a injustiça de ser culpado por um crime que não cometeu. O fato de ter sido demitido por uma acusação não comprovada, só substanciada pela sua origem, constitui o início de seu fim. Ou seja: de trabalhador para traficante. Assim, quando o aluno descobre na leitura os valores vivenciados, pertencentes ao seu capital cultural, sente-se inserido dentro de um sistema que até então o marginalizava ao fazê-lo descobrir por meio da leitura, da palavra um universo distante da sua vivência.

Ao retomar o fragmento do texto de Ferréz *Terrorismo Literário*, podem ser trabalhadas questões sociais como momento histórico, a arte literária como um instrumento transformador em nossa sociedade. Nesse sentido, cabe ao professor estudar e se aprofundar a respeito dessa vertente literária e procurar centros de pesquisa que estudam as possibilidades de se trabalhar a literatura marginal em sala de aula para também selecionar textos que se adequam àquilo que for proposto. Uma sugestão que tornaria a aula dinâmica, aproveitando o texto de Ferréz, seria solicitar aos alunos para que trouxessem reportagens que trata da realidade em que vivem, contribuindo assim para a aprendizagem coletiva na qual o aluno compartilha as experiências vivenciadas através do diálogo em sala de aula, contudo é fundamental o papel do professor no processo de mediação entre o aluno e a obra, pois trabalhar com esta vertente faz com que o docente saia do seu espaço de comodidade a instigar-se e instigar na proficiência daquilo que a escola não prestigia.

A experiência com texto dessa vertente literária, considerada a princípio “fora do prestígio” social e escolar, propõe o inverso do ensino proposto pela escola: de que ela seja um espaço de leitura capaz de aproximar o aluno da leitura e não distanciá-lo, dando-o a liberdade de dialogar e criticar, para que possam despertar para o fenômeno da literatura a partir de obras que façam parte de seu repertório intelectual, abrindo-lhes a possibilidade para leituras que transcendem seu universo cultural para outros horizontes, portanto ao introduzir textos da literatura marginal, não se pretende negar o valor dos cânones literários, mas sim apresentar um novo estilo literário que surge como proposta de mudança da realidade escolar ao encorajar os alunos a serem leitores e escritores proficientes.

CONCLUSÃO

A partir de reflexões das teorias apresentadas, pode-se concluir que um texto canônico é caracterizado como “canônico” a partir do momento que atende aos interesses ideológicos do sistema hegemônico, que retrata a realidade que se quer que seja dominante, destinando-se a não dar voz a personagens marginais, pois o público leitor que mais se deseja alcançar é o da classe dominante, sendo esta parte do sistema hegemônico.

Em meio ao “centramento” canônico, pode-se dizer que a literatura marginal da periferia é uma Questão à La Coimbra, porque se assemelha com o movimento Questão Coimbra, em Portugal, justamente como forma de introduzir uma literatura capaz de se opor a esse “centramento” do cânone como arte “legítima”, ao mostrar através da escrita, que a periferia também é capaz de fazer arte através, sobretudo na literatura. Por isso, ao contrário do cânone, a literatura marginal dá voz a personagens marginais, portanto destina-se ao público periférico.

Sendo assim, a comunidade periférica ao entrar em contato com essa literatura sente-se inserida socialmente e culturalmente, pois se sente em “casa” ao experimentar na leitura sua própria linguagem – a linguagem utilizada no cotidiano – aproximando-a da leitura.

A partir dessa reflexão, conclui-se que a literatura marginal tem ganhado seu espaço cultural, mesmo que limitado, contudo é importante destacar que esta vertente literária é capaz de apresentar arte de qualidade, bem como apreender seu valor cultural na importância de também se trabalhar leitura marginal em sala de aula, possibilitando o despertar dos alunos para a leitura.

Não há explicitação quanto à prática de outras leituras em sala de aula, o que dificulta a procura de outras vertentes literárias. Os PCN falam da importância de se respeitar a diversidade cultural e de trabalhar outras vertentes literárias, mas não diz como o professor deve fazer isto. Considerando as propostas explicitadas pelos documentos, sabe-se que há um longo caminho a percorrer para que haja aceitabilidade nas escolas.

A resistência da escola para incorporar as novidades propostas de se trabalhar a literatura marginal em sala de aula depreende-se do modelo instituído pelo cânone (preservado pela comunidade acadêmica). A falta de preparo dos professores em se trabalhar esta literatura é muitas vezes por estarem longe dos centros de pesquisa ou por desconhecerem autores que tratem dessa literatura. É necessário que os professores procurem se especializar mais em campos como estudos culturais para tentar inserir o aluno nesse universo respeitando as diversidades culturais,

pois basear-se apenas em livros didáticos e nas literaturas fornecidas pelo currículo escolar não ajuda o aluno a ampliar seu capital cultural, mas é necessário que este venha compartilhar seu capital já adquirido para assim ampliá-lo através de outras vertentes literárias.

Através da análise do conto de Alessandro Buzo, depreende-se que o aluno que entra em contato com esse texto – não possuidor de capital cultural para ler textos canônicos – sente-se muito mais a vontade com a leitura.

Apesar da falta de capital cultural que faz com que a escola não respeite as diversidades culturais dos alunos e com isso sejam refletidos os mesmos “erros” ao se marginalizar a cultura dos estudantes, produzimos o fracasso, ou seja, o fracasso não se dá pela falta de capital cultural, já que lhes faltam cultura, e sim pelo desrespeito à diversidade cultural. Por isso, não se pode esquecer que a escola como instituição social tem o dever de reparar todos os danos que a nossa sociedade fez e ainda faz com os menos favorecidos economicamente, discriminando-os e rejeitando-os, escondendo que a periferia faz arte e de ótima qualidade.

Por isso, é necessário que a escola como instituição passe a dar ouvidos a voz que vem da cultura periférica, visto que somos um País multiculturalista, as diversidades devem ser respeitadas assim como o capital cultural de cada aluno deve ser respeitado.

Nesse aspecto, cabe a alguns professores sair de suas “zonas de conforto” daquilo que se preza como “prestígio social” para se trabalhar leituras consideradas “desprestigiadas”, fazendo assim, parte de um movimento à La Coimbrã, ou seja, opondo-se ao sistema vigente de ensino (baseado no cânone) na perspectiva de se trabalhar literatura marginal como proposta de ensino de literatura para que, através dela, alcance leitores proficientes na perspectiva de ampliar seu capital cultural, possibilitando contato com demais leituras, como o cânone.

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermordenidade*. 6. ed. São Paulo: Travessia do Século, 2007.
- _____. *O Sentido dos outros: Atualidade da antropologia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BENEVUTO, Silvana José. “Literatura Marginal”: A escrita como arma de Inserção Cultural. Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo. UNESP, Assis, jul. 2006. Cd-rom.
- BLOOM, Harold. *O Cânone Ocidental: Os Livros e a Escola do Tempo*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1994.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Brasília: MEC, 2000.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais +: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC, 2002.
- _____. Secretaria da Educação Básica. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC/SEB, 2006.
- BUZO, Alessandro. Tentação. In: FERRÉZ. (org.). *Literatura Marginal: Talentos da Escrita Periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CHAUI, Marilena. *O que é ideologia*. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.
- FERRÉZ. Terrorismo Literário. In: FERRÉZ (org.). *Literatura Marginal: Talentos da Escrita Periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. *Representações Sociais e Esfera Pública: A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- NASCIMENTO, Érica Peçanha do. “Literatura Marginal”: Os escritores da periferia entram em cena. 2006. 203 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006.
- OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. Literatura marginal: questionamentos à teoria literária. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 15, n. 2 – Especial, p. 31-39, jul/dez. 2012.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. 17 ed. Porto: Porto Editora, 1996.

SCHWARZ, Roberto. *Os pobres da literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SOARES, Mei Hua. *A Literatura Marginal-Periférica na Escola*. 2008. 156 f.. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno Falar?* Minas Gerais: UFMG, 2012.